

PRAIAVERMELHA

Estudos de Política e Teoria Social

PERIÓDICO CIENTÍFICO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM SERVIÇO SOCIAL DA UFRJ

**200 ANOS DE
KARL MARX**

**UNIVERSIDADE FEDERAL
DO RIO DE JANEIRO**

REITOR

Roberto Leher

PRÓ-REITORA DE

PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

Leila Rodrigues da Silva

ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

DIRETORA

Miriam Krenzinger Azambuja

VICE-DIRETORA

Elaine Martins Moreira

DIRETORA ADJUNTA DE PÓS-GRADUAÇÃO

Mavi Pacheco Rodrigues

REVISTA PRAIA VERMELHA

*(Para os membros da Equipe Editorial
pertencentes à Escola de Serviço Social
da UFRJ o vínculo institucional foi omitido)*

EDITORES

José María Gómez

José Paulo Netto

Maria de Fátima Cabral Marques Gomes

Myriam Lins de Barros

COMISSÃO EDITORIAL

Marcelo Braz

Mauro Iasi

CONSELHO EDITORIAL

Adonia Antunes Prado (FE/UFRJ), Alejandra Pastorini Corleto, Alzira Mitz Bernardes Guarany, Andrea Moraes Alves, Antônio Carlos de Oliveira (PUC-Rio), Carlos Eduardo Montañó Barreto, Cecília Paiva Neto Cavalcanti, Christina Vital da Cunha (UFF), Fátima Valéria Ferreira Souza, Francisco José da Costa Alves (UFSCar), Gabriela Maria Lema Icassuriaga, Glaucia Lelis Alves Ilma Rezende Soares, Jairo Cesar Marconi Nicolau (IFCS/UFRJ), Joana Angélica Barbosa Garcia, José Maria Gomes, José Ricardo Ramalho (IFCS/UFRJ), Kátia Sento Sé Mello, Leilah Landim Assumpção, Leile Silvia Candido Teixeira, Leonilde Servolo de Medeiros (CPDA/UFRRJ), Ligia Silva Leite

(UERJ), Lilia Guimarães Pougy, Listz Vieira (PUC-Rio), Ludmila Fontenele Cavalcanti, Marcelo Macedo Corrêa e Castro (FE/UFRJ), Maria Celeste Simões Marques (NEPP-DH/UFRJ), Maria das Dores Campos Machado, Marildo Menegat, Marilea Venâncio Porfirio (NEPP-DH/UFRJ), Maristela Dal Moro, Miriam Krenzinger Guindani, Mohammed ElHajji (ECO/UFRJ), Mônica de Castro Maia Senna (ESS/UFF), Mônica Pereira dos Santos (FE/UFRJ), Murilo Peixoto da Mota (NEPP-DH/UFRJ), Myriam Moraes Lins e Barros, Patrícia Silveira de Farias, Paula Ferreira Poncioni, Pedro Cláudio Cunha Bocayuva B Cunha (NEPP-DH/UFRJ), Raimunda Magalhães da Silva (UNIFOR), Ranieri Carli de Oliveira (UFF), Ricardo Rezende, Rodrigo Silva Lima (UFF), Rosana Morgado, Rosemere Santos Maia, Rulian Emmerick (UFRRJ), Silvana Gonçalves de Paula (CPDA/UFRRJ), Sueli Bulhões da Silva (PUC-Rio), Suely Ferreira Deslandes (ENSP/FIOCRUZ), Tatiana Dahmer Pereira (UFF), Vantuil Pereira (NEPP-DH/UFRJ) e Verônica Paulino da Cruz.

EDITORES TÉCNICOS

Fábio Marinho

Jessica Cirrota

REVISÃO

Andréa Garcia Tippi

Renan Cornette

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Fábio Marinho

Escola de Serviço Social - UFRJ
Av. Pasteur, 250/fundos (Praia Vermelha)
CEP 22.290-240 Rio de Janeiro - RJ
(21) 3873-5386
revistas.ufrj.br/index.php/praiavermelha

PRAIAVERMELHA

Estudos de Política e Teoria Social

PERIÓDICO CIENTÍFICO
DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM SERVIÇO SOCIAL DA UFRJ

v. 28 n. 2
2018
Rio de Janeiro
ISSN 1414-9184

Revista Praia Vermelha	Rio de Janeiro	v. 28	n. 2	p. 405-736	2018
------------------------	----------------	-------	------	------------	------

A Revista Praia Vermelha é uma publicação semestral do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, cujo objetivo é construir um instrumento de interlocução com outros centros de pesquisa do Serviço Social e áreas afins, colocando em debate as questões atuais, particularmente aquelas relacionadas à “Questão Social” na sociedade brasileira.

As opiniões e os conceitos emitidos nos artigos, bem como a exatidão, adequação e procedência das citações e referências, são de exclusiva responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição da Comissão Editorial.



Esta obra está licenciada sob a licença Creative Commons BY-NC-ND 4.0.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.pt_BR

Publicação indexada em:

IBICT - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

ccn.ibict.br

Base Minerva UFRJ

minerva.ufrj.br

Portal de Periódicos da Universidade Federal do Rio de Janeiro

revistas.ufrj.br

A imagem da capa é uma edição de Fábio Marinho sobre foto da Unesco.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001

Praia Vermelha: estudos de política e teoria social/Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social – Vol.1, n.1 (1997) – Rio de Janeiro: UFRJ. Escola de Serviço Social. Coordenação de Pós-Graduação, 1997-

Semestral
ISSN 1414-9184

1.Serviço Social-Periódicos. 2.Teoría Social-Periódicos. 3. Política-Periódicos I. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social

CDD 360.5
CDU 36 (05)

PRAIA VERMELHA

KARL MARX E A PERIFERIA DO CAPITALISMO

KARL MARX AND THE PERIPHERY OF CAPITALISM

Bernardo Soares Pereira

Revista Praia Vermelha

Rio de Janeiro

v. 28

n. 2

p. 537-565

2018

RESUMO

O presente artigo tem o objetivo de analisar as leituras feitas por Karl Marx e Friedrich Engels acerca da periferia do capitalismo no século XIX. Através dos textos dos autores, será dada atenção às distintas formas pelas quais o tema foi abordado ao longo dos anos. Neste sentido, reconhecendo a complexidade e as inflexões das análises, o tema será relacionado à produção mais ampla dos autores, entendendo-a dentro da elaboração de seu pensamento. Por fim, examinar-se-á a pertinência da suposta crítica de eurocêntrico ao pensamento dos fundadores do marxismo, assim como sua atualidade para tratar de temas candentes nos dias de hoje.

PALAVRAS-CHAVE

Marxismo; América Latina; eurocentrismo.

ABSTRACT

This article aims to discuss the different analyses made by Karl Marx and Friedrich Engels about the periphery of capitalism in the 19th century. Through the writings of the authors, more attention will be given to the different ways in which the theme has been approached over the years. In this sense, recognizing the complexity and inflections of the analyses, the theme will be related to the authors' most extensive production, understanding it within the elaboration of their thought. Finally, the relevance of the supposed Eurocentric critique to the thinking of the founders of Marxism will be examined, as well as their actuality to deal with current issues.

KEYWORDS

Marxism; Latin America; eurocentrism.

Recebido em 04.12.2017

Aprovado em 18.09.2018

INTRODUÇÃO

Dos corredores dos mais nobres salões acadêmicos acostumou-se a escutar, às vezes aos sussurros, em outras tantas aos berros, a morte de Marx. As sucessivas tentativas de emitir essa malograda certidão de óbito mostram, em seu espelho, que, por mais que o tentem enterrar, o pensamento de Marx sempre surge, retomando a metáfora empregada pelo autor, como um espectro a rondar as ciências sociais, contrariando aqueles que, como o naufrago à boia, abraçaram-se às mais recentes modas acadêmicas.

Em alguns casos particulares, como na América Latina, tal questão sempre permeou os grandes debates protagonizados desde o início do século passado. Nas contendas de maior envergadura intelectual, chegou-se a afirmar a morte parcial de Marx, de modo que, se vivo estivesse para a realidade europeia, em *Nuestra América* viria ao mundo natimorto, posto que não seria capaz de ajudar a compreender uma realidade tão distinta da dos fundadores do marxismo.

Desse modo, tal contenda estimulará as discussões suscitadas ao longo do presente artigo. Tendo como objetivo central analisar as produções de Marx e Engels a respeito da periferia do capitalismo, buscar-se-á relacioná-la a questões mais amplas do pensamento dos autores, como a construção de seu método de análise e suas proposições políticas tanto para as regiões periféricas quanto para o centro capitalista.

Para se mensurar com maior clareza a amplitude do debate em questão, acredita-se que o caminho mais fecundo seja voltar aos textos do próprio Marx, para que se tenha a capacidade de dimensionar até que ponto sua obra contribuiu para tal desentendimento e quais os caminhos que apontou para uma superação. Para tanto, foram selecionados textos que expressam o posicionamento sobre o tema desde o final da juventude até a maturidade do autor, acompanhando seu processo de amadurecimento e os debates políticos vivenciados em cada momento. Neste sentido, sem esgotar a vasta obra de Marx e Engels e tendo a ciência de que importantes textos foram

deixados à margem, foram selecionadas diversas correspondências, textos jornalísticos e obras escritas com a finalidade de publicação, a fim de se fornecerem os elementos centrais da discussão.

Ademais, pretende-se dialogar com algumas interpretações acerca das análises de Marx sobre a periferia do capitalismo, demonstrando que, antes que uma alteração de seu escopo metodológico, as diferentes interpretações feitas de fenômenos análogos mostram a importância desse objeto dentro de aspectos mais amplos de suas reflexões, que têm nos textos da maturidade sua forma mais bem-acabada, mas que também são possíveis de serem encontrados desde o final da juventude. Ao fim, espera-se demonstrar a vitalidade e a pertinência do uso das reflexões e do arcabouço marxiano para a compreensão da atual realidade, rechaçando, assim, uma crítica corrente de um suposto eurocentrismo de Marx, que impossibilitaria a utilização de seu método de análise para o entendimento de problemas atuais.

MARX E ENGELS FRENTE AOS PAÍSES NÃO DESENVOLVIDOS

Centro e Periferia, Civilização e Barbárie

A maior parte dos escritos de Marx e Engels sobre os países não desenvolvidos é fruto da troca de correspondências, escritos jornalísticos e alguns rascunhos que serviram de base para estudos posteriores. Tomando esse fato como base da argumentação, alguns intérpretes tendem a ver tais obras como circunstanciais, um meio fortuito encontrado de ganhar a vida.

Aceitando que, de fato, muitos desses escritos sejam realmente obras não sistemáticas, não soa razoável julgar esse tema como algo irrelevante no conjunto da obra dos autores, sobretudo ao considerar que importância teria para a formulação de aspectos centrais de seu pensamento, como a elaboração do capítulo XXIV d'O Capital. Não é muito crível imaginar que Marx, que assiste o processo de expansão do sistema capitalista e sua penetração nas regiões mais afastadas

do globo, mantivesse-se indiferente frente a tais fenômenos. Em uma obra que busca analisar o processo de formação de seu pensamento econômico, Mandel (1968) demonstra como, já em 1850, Marx apontava a importância que o mercado além-mar teria para a economia inglesa, possibilitando a rápida saída de uma depressão econômica. Neste ponto, também já ressaltava a influência que essas novas áreas teriam na economia mundial, como o caso da descoberta do ouro na Califórnia, o que levou tanto ele quanto Engels a vislumbrarem o possível deslocamento do centro do comércio mundial para o Pacífico, além de uma futura superioridade industrial e comercial dos Estados Unidos em relação à Europa. Seguindo essa linha, parece sugestivo localizar tais textos dentro de um conjunto mais amplo de suas obras, considerando-os no contexto de um estudo mais abrangente que faziam sobre o desenvolvimento e a expansão do modo de produção capitalista.

No *Manifesto Comunista*, obra de 1848, sobretudo na primeira parte, Marx e Engels traçavam algumas linhas gerais sobre o desenvolvimento histórico da sociedade burguesa, produto de “um longo processo de desenvolvimento, de uma série de transformações no modo de produção e de circulação”, que teriam sido ocasionadas tanto pelo estabelecimento de novos mercados, como nas Índias Orientais e na China, quanto pela colonização da América e pelo comércio colonial de um modo geral. Percebe-se, portanto, como já atentavam para a importância dos povos além-mar dentro do sistema capitalista.

A descoberta da América, a circum-navegação da África abririam um novo campo de ação à burguesia emergente. Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o comércio colonial, o incremento dos meios de troca e das mercadorias em geral imprimiram ao comércio, à indústria e à navegação um impulso desconhecido até então; e, por conseguinte, desenvolveram rapidamente o elemento revolucionário da sociedade feudal em decomposição (MARX; ENGELS, 2010, p. 41).

Se, por um lado, os autores creditavam esses novos mercados como um dos catalizadores da destruição feudal e da edificação do capitalismo, não deixavam de também assinalar suas consequências para os povos da periferia, uma vez que o “aperfeiçoamento dos instrumentos de produção e o constante progresso dos meios de comunicação” fariam com que a burguesia arrastasse “para a *torrente da civilização todas as nações, inclusive as mais bárbaras*” (Idem. p.44 grifo nosso).

Verifica-se, dessa forma, como esse desenvolvimento ascendente da sociedade burguesa, destruidor das relações pré-capitalistas e criador de uma sociedade, um mercado e uma história pela primeira vez mundial, conteria um caráter progressista. Ainda assim, em nenhum momento os autores deixaram de perceber o caráter contraditório dessa nova sociedade, tornando claro que, da mesma forma como a sociedade feudal foi destruída a partir das contradições entre as forças produtivas e as relações de produção, o ocaso da sociedade burguesa também seria fruto desse mesmo processo.

As forças produtivas que dispõe não mais favorecem o desenvolvimento das relações burguesas de propriedade; pelo contrário, tornaram-se poderosas demais para essas condições, passaram a ser tolhidas por elas; e assim que se libertam desses entraves, lançam na desordem a sociedade inteira e ameaçam a existência da propriedade burguesa. O sistema burguês tornou-se demasiado estreito para contar as riquezas criadas em seu seio (Idem, p. 41).

Embora nunca deixassem de ressaltar as contradições existentes, esse caráter progressista desempenhado pelo capitalismo marcaria outras obras de Marx e Engels datadas dessa mesma época. Com essa mesma perspectiva, Marx analisou a dominação inglesa na Índia, conforme se pode ver em artigos publicados no *New York Daily Tribune* entre junho e julho de 1853, nos quais relaciona a destruição da sociedade hindu à colonização britânica. Em *O domínio britânico na Índia*, o primeiro desses escritos, Marx asseverava:

Não há dúvidas, contudo, de que a miséria ocasionada no Hindustão

pelo domínio britânico foi de natureza muito diversa e infinitamente superior a todas as calamidades experimentadas até então pelo país. (...). A Inglaterra, por outro lado, destruiu todo o arcabouço da sociedade hindu, sem ter manifestado até agora o menor desejo de reconstituição. Esta perda do seu velho mundo, sem a conquista de um novo, dá um caráter de particular prostração à miséria hindu e desvincula o Hindustão governado pelos britânicos de todas as suas velhas tradições e de toda sua história passada (MARX, 1977a, p. 286-287).

Nota-se que Marx jamais deixou de condenar a devastação da sociedade hindu promovida pelos colonizadores europeus, contudo, importante que se atente ao alcance que sua crítica foi capaz de chegar. Em um outro texto tratando do mesmo tema, afirmava que a Inglaterra teria uma *dupla missão* a cumprir na Índia: uma destruidora, como a acima mencionada, e outra regeneradora. Sobre esta, destacava o fato da sociedade hindu ter sido marcada por sucessivas dominações por outros povos, o que significaria, nas palavras de Marx, carência de história, ou pelo menos de uma história conhecida. Seguindo esse raciocínio, a questão central não seria se teria ou não a Inglaterra o direito de dominar os povos hindus, mas qual dominação seria preferível, a conquista por parte dos turcos, persas, etc., ou a dominação inglesa. As palavras do autor não deixam dúvidas:

(...). De acordo com a *lei imutável da história*, os conquistadores bárbaros são conquistados pela civilização superior dos povos subjugados por eles. Os ingleses foram os primeiros conquistadores de civilização superior a hindu, e, por isso, ficaram imunes à ação desta última (Idem, 1977b, p. 293 – grifo nosso).

Não lhe sendo possível manter-se indiferente frente ao sofrimento dos povos subjugados, Marx não hesita em condenar sua exploração, ainda que se limite ao campo da moral. Por outro lado, do ponto de vista teórico e político, a colonização justificar-se-ia, ao ponto de apelar para Goethe ao interrogar: “*Quem lamenta os estragos se os frutos são prazeres?*” (MARX, 1977a, p. 291).

Foi com base nessa mesma perspectiva que Engels, em um artigo contemporâneo ao *Manifesto*, destacou os efeitos progressistas na anexação por parte dos Estados Unidos de territórios do México.

En América hemos presenciado la conquista de México, la que nos ha complacido. Constituye un progreso, también, que un país ocupado hasta el presente exclusivamente de sí mismo, desgarrado por perpetuas guerras civiles e impedido de todo desarrollo, un país que en el mejor de los casos estaba a punto de caer en el vasallaje industrial de Inglaterra, que un país sea lanzado por la violencia al movimiento histórico. Es en intereses de su propio desarrollo que México estará en el futuro bajo la tutela de los Estados Unidos (ENGELS, 1977a, p. 183).

Um ano mais tarde, o autor retomaria o assunto e o colocaria em termos ainda mais claros, classificando como um “benefício à humanidade” a tomada americana das terras dos “preguiçosos” mexicanos que sequer sabiam o que fazer com ela. Ademais, se não deixava de também condenar as atrocidades as quais os mexicanos estavam sendo submetidos, na sequência a apontava como desdobramentos necessários do progresso (Idem. 1977b, p. 189-190).

Assim como a inevitabilidade da destruição das sociedades periféricas pelo capitalismo ascendente, há outro elemento unificador das análises de Marx e Engels, que é o emprego de termos correntes ao pensamento social de sua época, tais como as noções de civilização e barbárie. Autores como Kohan (1998) sustentam que esses aspectos constituem uma sólida matriz de pensamento que está presente no *Manifesto*.

O papel central da periferia

É possível que os textos selecionados acima reforcem uma ideia de o marxismo ser uma filosofia geral da história em que o desenvolvimento do capitalismo inglês seria o modelo a ser seguido pelas demais nações. Corroboram com essa leitura passagens do próprio *O Capital*, em especial o prefácio no qual Marx afirmava que “o país

mais desenvolvido não faz mais do que representar a imagem futura do menos desenvolvido” (MARX, 1998, p. 16). Assim, ainda que Marx no final de sua vida já se colocasse contrário a uma leitura de sua obra com um forte viés determinista e economista, deve-se admitir que caso se queira selecionar passagens que justifiquem tal ideia de um desenvolvimento unilinear de história, serão encontradas abundantes citações.

Esse veio de análise tem implicações não somente no que diz respeito a questões relacionadas à teoria e à filosofia da História, mas também aos desdobramentos políticos, uma vez que condiciona a intervenção política dos seres humanos a uma contingência história em que nada mais compete fazer além de aguardar os futuros prazeres desse desenvolvimento histórico universal.

Dito isso, algumas posturas seriam possíveis de ser tomadas. Uma delas seria reduzir o pensamento de Marx a uma metafísica materialista, baseada em uma ideologia do progresso linear e irreversível centrada no avanço das forças produtivas. Outra implicaria caracterizar as obras de Marx de eurocentrismo, liquidando sua validade para a interpretação das realidades distintas da Europa do século XIX. Entretanto, caso se tenha por objetivo o estudo da teoria marxista da História, torna-se obrigatória a análise de seu pensamento na totalidade, mostrando sua construção frente aos embates políticos e teóricos que enfrentava. Assim, sugere-se estender um pouco mais a questão, alcançando outros textos do autor sobre assuntos similares, mas tratados de forma distinta.

Em alguns debates epistolares, tanto Marx quanto Engels trataram especificamente do caso da Irlanda, que nos oferece um bom exemplo dessa mudança progressiva da postura dos autores. Em 1856, Engels enviou uma carta a Marx, em que relatava sua viagem à Irlanda, aquilo que chamou de a “primeira colônia inglesa”, sugerindo indícios de uma aparente mudança de postura frente aos problemas coloniais na medida em que afirmava que a liberdade dos cidadãos da Inglaterra e a prosperidade da burguesia inglesa e de uma elite irlandesa teriam por base a opressão das colônias e a exploração de seus camponeses.

Gendarmes, curas, abogados, burócratas, están mezclados en agradable profusión y hay una ausencia total de toda industria, de modo que sería difícil entender cómo pueden vivir todas las excrecencias parásitas, si no fuera que la miseria de los campesinos constituye la otra mitad del cuadro (ENGELS, 1947, p. 110).

Contudo, o autor ainda não avançaria em formulações de proposições políticas para os povos coloniais, ficando assim a resolução de seus problemas nacionais condicionada ao movimento revolucionário do centro do capitalismo.

El irlandés sabe que no puede competir con el inglés, quien llega con medios superiores en todo; la emigración proseguirá hasta el carácter céltico predominante de la población – en verdad casi exclusivo – se haya acabado de ir al diablo! Cuán a menudo han empezado los irlandeses a tratar de hacer algo, y todas las veces han sido política e industrialmente aplastados (Idem, p. 111).

Nesse tema Marx vai além. Voltando à questão irlandesa em 1867 e em 1869, afirmaria que se antes apresentava o pensamento de que sua emancipação era impossível, agora era inevitável (MARX, 2009a), dando, assim, um caminho diferente tanto à emancipação irlandesa quanto à revolução social inglesa, conforme se nota em uma de suas cartas a Kuglemaan:

Me he venido convenciendo más y más, y ahora hay que inculcárselo a la clase obrera inglesa, que ella no podrá hacer nunca nada decisivo aquí, en Inglaterra, mientras no rompa de la manera más completa con su política irlandesa, con la política de las clases dominantes (...). El proletariado inglés debe seguir esta política, y no por simpatía a Irlanda, sino porque redunde en su propio beneficio (MARX, 2009b, p. 132-133).

Essa mesma questão é retomada em outra carta remetida a Engels em 10 de dezembro de 1869, mostrando uma alteração de seu posicionamento em relação ao período que escrevera para o *New York Tribune*:

Durante mucho tiempo creí que sería posible derrocar el régimen irlandés por el ascendente de la clase obrera inglesa. Siempre expresé este punto de vista a New York Tribune. Pero un estudio más profundo me ha convencido de lo contrario. La clase obrera inglesa *nunca hará nada* mientras no se libre de Irlanda. La palanca debe aplicarse en Irlanda. Por esto es que la cuestión irlandesa es tan importante para el movimiento social en general (MARX, 1947, p. 297-298).

Percebe-se, portanto, como Marx e Engels avançavam cada vez mais na compreensão do caráter desigual do desenvolvimento do capitalismo, ressaltando as distintas possibilidades de sua evolução. Por conseguinte, precisavam-se também os desdobramentos políticos imediatos das lutas a serem travadas, uma vez que o papel a ser desempenhado pela periferia do sistema na derrubada do capitalismo ganharia maior relevo.

O debate sobre as possibilidades de desenvolvimento histórico e de uma revolução social na periferia do capitalismo ganhou contornos ainda mais claros nos estudos da maturidade de Marx. Sabe-se que ao final de sua vida, Marx demonstrou um grande interesse em relação à Rússia, realizando uma constante troca de cartas com correspondentes russos, lendo clássicos de sua literatura e dedicando-se a aprender o idioma.

Se Marx e Engels tinham interesse em manter um estreito diálogo com círculos políticos russos, a recíproca também se mostrava verdadeira. No final do século XIX, algumas obras de Marx já circulavam com certa regularidade em determinados meios daquele país, para sua surpresa. Foi justamente desses canais que surgiram os primeiros debates de um frutífero intercâmbio. Embora o marxismo já circulasse em alguns grupos de imigrantes, ainda predominavam, nos movimentos sociais russos, concepções socialistas pequeno-burguesas e utópicas, e foi precisamente com esses grupos que Engels travou a primeira polêmica com correspondentes russos.

Engels rebatia algumas teses sustentadas por determinados grupos no país, nesse caso a figura particular de Peotr Tkatchov,

representante de uma tendência *narodnik*. Defendendo uma tese polêmica, o autor via nos traços autocráticos da sociedade russa aspectos impulsionadores da luta pelo socialismo, uma vez que a debilidade do proletariado, a ausência de liberdade de imprensa e de instituições parlamentares representativas e até mesmo o fato da burguesia russa não haver ainda se consolidado enquanto classe ocasionariam uma justaposição da luta econômica e política no país, o que facilitaria a tomada do poder. No centro de toda essa questão, estava a possibilidade das comunas rurais russas servirem de base para a construção do socialismo, devido a fortes relações de cooperação entre os camponeses (TKATCHOV, 1982).

A tese assumida por Tkatchov ressoou rapidamente pela Europa, preocupando alguns dos mais destacados dirigentes socialistas na Alemanha, como Wilhelm Liebknecht, quem sugeriu a Engels a redação de uma resposta em que aclarava suas posições nos seguintes termos:

A revolução almejada pelo socialismo moderno é, sucintamente, a vitória do proletariado contra a burguesia e a reorganização da sociedade mediante a anulação das diferenças de classes. Para tanto, é preciso que haja não somente um proletariado capaz de realizar essa revolução, mas também uma burguesia, em cujas mãos as forças produtivas da sociedade se desenvolveram a ponto de permitir a anulação definitiva das diferenças de classe. (...). Somente em certo estágio do desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, que até para os tempos atuais é bastante elevado, torna-se possível aumentar a produção a um nível em que a eliminação das diferenças de classe seja um verdadeiro progresso e possa ser duradoura, sem acarretar a paralisação ou mesmo um retrocesso no modo de produção da sociedade. Porém, as forças produtivas só chegaram a esse grau de desenvolvimento pelas mãos da burguesia. Sendo assim, a burguesia, também nesse aspecto, é uma condição tão necessária da revolução socialista quanto o próprio proletariado (ENGELS, 2013, p. 37).

Por trás desse debate estava a discussão quanto à potencialidade da comuna rural russa de evoluir direto ao socialismo saltando as

etapas de desenvolvimento do capitalismo na Rússia, possibilidade encarada com ceticismo por Engels, uma vez que considerava não somente o isolamento do camponês como um fato deletério à sua organização, assim como afirmava que tal comunidade rural idealizada já não constituía mais a realidade russa após as reformas de 1861. Contudo, não descartava em absoluto a eventualidade de uma revolução social em um país atrasado, como a Rússia, nem que a propriedade rural pudesse desenvolver-se numa forma social superior, desde que uma revolução proletária na Europa Ocidental a precedesse. Ainda assim, não deixava de reconhecer a importância da derrubada do Estado czarista com uma das condições essenciais para a vitória do proletariado ocidental, uma vez que o império russo constituía a principal força reacionária europeia, fato evidenciado em sua contribuição para esmagar a tentativa revolucionária na Alemanha em 1848 (Idem, p. 52).

Essa leitura de Engels, de 1875, balizaria as interpretações de muitos círculos russos sobre as obras de Marx, ao ponto de dois anos mais tarde um economista chamado Jukovski escrever um artigo refutando a possibilidade das ideias do alemão servirem de base para compreender a realidade russa. Saiu em defesa de Marx, em outubro daquele mesmo ano, um artigo no jornal *Otechestvenye Zapiski*, assinado por Nicolai Michailovski, em que o autor afirmava que em *O Capital*, especialmente na *A assim chamada acumulação primitiva*, não se traçava apenas um esboço histórico dos primórdios do capitalismo, mas se apresentava uma teoria histórico-filosófica de grande utilidade aos russos (MICHAILOVSKI, 1982, p. 159). Em sua visão, essa teoria indicaria que a Rússia seguiria *pari passu* o desenvolvimento inglês.

Então decorreria daí que, seguindo os passos da Europa, deveríamos percorrer aquele mesmo processo, descrito e elevado ao status de uma teoria histórico-filosófica por Marx. A diferença, contudo, consiste em que nós seríamos forçados a repetir aquele processo, realizando-o, portanto, conscientemente (MICHAILOVSKI, 1982, p. 162).

O texto de Michailovski rapidamente correu os círculos políticos europeus e chegou às mãos de Marx, que prontamente escreveu uma carta para o redator-chefe do jornal, mas que nunca chegou a ser enviada, segundo Engels por receio de colocar o jornal em perigo ao vinculá-lo ao seu nome¹. Ainda que não passasse de um breve esboço para responder a uma polêmica pontual, o texto é esclarecedor, abordando em poucas páginas todas as questões tratadas até aqui. Nele pode-se ver tanto a crítica feita ao russo pelo fato de se utilizar de textos secundários para sustentar suas conclusões, quanto o conhecimento de Marx acerca do debate russo sobre as possíveis vias do desenvolvimento do capitalismo no país e o papel da comuna rural na transição ao socialismo, posicionando-se ao lado de autores como Tchernichevski, que defendiam a possibilidade da evolução da comuna ao socialismo mediante a apropriação do desenvolvimento do capitalismo sem passar por todas as experiências tortuosas.

Além disso, Marx também aclarava as confusões feitas em relação à sua concepção de história, afirmando que o capítulo sobre a acumulação primitiva visava exclusivamente traçar a rota pela qual na Europa ocidental a ordem econômica capitalista saiu das entranhas da ordem feudal, demonstrando a tendência história do capitalismo de engendrar sua própria negação. Desfazia, portanto, qualquer interpretação que pudesse dar margem para que o processo de acumulação primitiva fosse um caminho a ser seguido por todos os povos, acabando, assim, com qualquer pretensão de interpretação de sua obra como uma teoria histórico-filosófica de validade universal e supra-histórica. Muito além de um simples debate epistolar ou uma polêmica pontual, esse trecho guarda importantes aspectos de

1 Em um estudo sobre as análises de Marx sobre a Rússia, o pesquisador japonês Haruki Wada afirma que a carta endereçada a Michailovski foi escrita no final do ano 1878, não em 1877, como é difundido. Contrariando Engels, afirma que o real motivo de não ter enviado a carta para publicação não foi o temor à perseguição, mas a consciência que lhe faltavam elementos sobre a realidade russa para a discussão, o que justificaria seus estudos posteriores sobre o tema.

caráter filosófico, histórico e político do pensamento de Marx de vital importância (MARX, 2013, p. 68 - 69).

Como esse texto ainda aguardaria alguns anos para sua publicação, Marx continuou recebendo frequentes indagações de outros leitores e expoentes do movimento revolucionário russo. Em fevereiro de 1881, Vera Zaslitch lhe escreveria uma carta em que começava ressaltando a grande popularidade de *O Capital* na Rússia, assim como seu impacto nos estudos sobre a questão agrária e sobre a comuna rural. Nela, a autora expunha novamente as duas soluções possíveis para o debate em torno da comuna rural: a de desenvolver-se pela via socialista através da intervenção e da ação política dos socialistas revolucionários, ou a de sua inevitável dissolução à medida que as relações capitalistas fossem se instaurando no campo. Colocada a questão dessa forma, indagava a Marx sua posição, afirmando que circulavam, no país, inúmeros estudiosos e dirigentes políticos que, apresentando-se como seus discípulos, condenavam a comuna à morte com base em seus escritos (ZASULITCH, 2013, p. 78 - 80).

Ao receber a carta, Marx se concentrou em respondê-la. Sabe-se que ao fim de sua vida planejava escrever um trabalho específico sobre a Rússia, tarefa que não pôde ser concluída por seus problemas de saúde, os mesmos que o impediram de responder imediatamente a Zaslitch. O documento enviado foi bem conciso, com pouco mais de uma página, porém contendo elementos imprescindíveis para o debate. Além disso, retomou a discussão acerca da ideia de “fatalidade histórica”, afirmando que se referia exclusivamente aos países da Europa Ocidental, onde a propriedade capitalista já havia suplantado as outras formas de propriedade, enquanto as particularidades russas permitiriam o desenvolvimento em outras direções. Para o conforto de Zaslitch e dos revolucionários russos, Marx concluía que:

Desse modo, a análise apresentada n’O capital não oferece razões nem a favor nem contra a vitalidade da comuna rural, mas o estudo especial que fiz dessa questão, para o qual busquei os materiais em suas fontes originais, convenceu-me de que essa comuna é a alavanca da regeneração social da Rússia; mas, para que ela possa

funcionar como tal, seria necessário, primeiramente, eliminar as influências deletérias que a assaltam de todos os lados e então assegurar-lhe as condições normais de um desenvolvimento espontâneo (MARX, 2013b, p. 114-115).

Tão importante como a carta seriam seus rascunhos, nos quais inclusive se encontram análises de maior fôlego, mas que por muitos anos não foram de conhecimento público². Nesses esboços, Marx pôde tecer algumas considerações sobre as formações econômicas que antecederam ao capitalismo, afirmando ser um equívoco tratar todas em um mesmo plano, posto que, na Rússia, graças a uma combinação de circunstâncias, a comunidade rural foi capaz de desfazer-se gradualmente de seus caracteres primitivos e desenvolver-se diretamente como elemento da produção coletiva em escala nacional, abrindo diferentes perspectivas de desenvolvimento econômico e social (Idem, p. 89-90). Nota-se como que a persistência dessas comunidades associada à incorporação dos avanços positivos alcançados pelo sistema capitalista seria a chave para o desenvolvimento da Rússia a uma etapa superior sem necessariamente percorrer os mesmos estágios dos países ocidentais. Nesse sentido, percebe-se claramente o caráter multilinear dado por Marx ao desenvolvimento histórico.

Por fim, Marx voltaria a esse tema no prefácio à edição russa d'O *Manifesto*, em 1882, que assinou junto com Engels. Se no ano de publicação do *Manifesto* a Rússia era tida como um dos bastiões

2 Há uma longa discussão que busca explicar o porquê do longo tempo de espera para se dar a ampla divulgação a essas cartas. Os documentos foram encontrados por David Riazanov em 1911, nos arquivos de Paul Lafargue, e publicados pelo pesquisador em 1924, quando dirigiu o instituto Marx-Engels. Ao publicar as cartas, Riazanov afirmou que o fato de sua existência ter sido esquecida por Plekanov e pela própria Zaslitch constituía um curioso caso de esquecimento coletivo que interessaria à investigação psicológica, explicação essa rechaçada por outros pesquisadores, como Shanin, que afirma na verdade se tratar de uma ocultação com vistas a não contrariar a visão cristalizada sobre o pensamento de Marx pela II Internacional, explicação que nos parece muito mais sensata.

das forças conservadoras, em 1882, para os autores, ela formaria a vanguarda da ação revolucionária na Europa. Ainda que o *Manifesto* tivesse como tarefa a proclamação do desaparecimento próximo e inevitável da moderna propriedade burguesa, os autores afirmavam que, na Rússia, podia-se perceber que, juntamente a moderna propriedade burguesa que começava a desenvolver-se, coexistia a propriedade comunal. Sendo assim, perguntavam-se se essa forma de propriedade se desenvolveria diretamente na propriedade comunista ou se deveria passar primeiramente pelo mesmo processo de dissolução, tal qual no Ocidente. A resposta é categórica:

Hoje em dia, a única resposta possível é a seguinte: se a revolução russa constituir-se no sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que uma complemente a outra, *a atual propriedade comum da terra na Rússia poderá servir de ponto de partida para uma revolução comunista* (MARX, K, ENGELS, 2010, p. 72-73).

Ainda que estivesse se referindo ao exemplo específico da Rússia, a passagem acima pode ser compreendida dentro de um escopo mais amplo, no qual o autor expunha tanto as diferentes possibilidades do desenvolvimento econômico e social, quanto sua concepção de História. Por outro lado, também pode evidenciar as transformações no entendimento quanto à posição da periferia dentro das lutas populares em escala mundial. Se, em um primeiro momento, ao analisar a dominação britânica na Índia, Marx não vislumbrava um outro destino possível para a colônia, ao estudar o caso irlandês, passaria a destacar o papel das lutas coloniais para impulsionar as lutas na metrópole. Agora, iria além dessas elaborações na medida em que enxergava a revolução na periferia um possível estalar para a revolução em toda a Europa Ocidental³.

3 Importante notar que essa mudança de avaliação acerca do papel da periferia do capitalismo nas lutas políticas mundiais também se fazia sentir na maneira como Marx encarava os agentes revolucionários, mais especificamente o campesinato. Se em o *Manifesto* referia-se com desdém ao mundo rural, ou se no

CRISE E REVOLUÇÃO

Apresentadas as diferentes análises feitas tanto por Marx quanto por Engels de fenômenos similares ao longo dos anos, deve-se, por conseguinte, buscar entender as razões dessa inflexão. Como mostrado no início, a caracterização desses textos como circunstanciais foi uma das saídas encontradas por alguns autores para evitar tais questionamentos. Outros, como Bernstein, chegaram a justificativas também pouco sustentáveis, ao ponto de afirmarem que o conteúdo das cartas enviadas à Vera Zaslitch não teria valor científico, sendo apenas um modo encontrado por Marx para não decepcionar uma amiga. Contudo, acredita-se que o caminho mais fértil para a compreensão da questão seja considerar tais análises à luz dos diferentes momentos políticos que as animaram.

Os anos que compreendem a redação de *O Manifesto...* e dos artigos sobre a Índia são marcados pela ascensão de uma onda revolucionária na Europa, tendo como 1848 o seu ano mais expressivo. Data também desse período, mais precisamente março de 1850, a *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*, texto em que Marx caracterizava a conjuntura como “eminentemente revolucionária”, razão suficiente para dedicar seus esforços nas análises dos problemas europeus, ainda que estivesse diante de uma contingência histórica na qual o proletariado ainda não possuía força e autonomia suficientes para, no primeiro momento, dirigir o processo revolucionário (MARX, K; ENGELS, F, 1977).

Os fatos posteriores, contudo, não confirmaram a empolgação dos autores, uma vez que os anos de 1850 foram extremamente duros

O 18 de Brumário... fazia alusão aos camponeses como uma imensa massa sem relações multiformes entre si, semelhante a um saco de batata, e se em *As lutas de classes na França...* os taxasse como uma classe incapaz de qualquer iniciativa revolucionária, em 1860, anos antes de seus artigos sobre a Rússia, Marx já considerava tanto o movimento dos servos russos quanto o movimento dos escravos nos Estados Unidos como os fatos mais importantes do mundo no momento.

para os movimentos revolucionários na Europa. Quase nesse mesmo período, o autor, em seu *As Lutas de classes na França de 1848 e 1850*, avaliaria as causas da derrota do movimento revolucionário daquela época e afirmaria que, para a indústria moderna conceder às relações de propriedade as formas que lhe correspondiam, ela deveria conquistar o mercado mundial, uma vez que as fronteiras nacionais eram insuficientes para seu desenvolvimento (MARX, 2008, p. 76-77). Ainda nesse mesmo sentindo, Marx buscava relacionar condições políticas que propiciaram os movimentos de 1848 com a crise econômica de 1847, quanto ao seu esmagamento pela contrarrevolução com o restabelecimento da prosperidade do comércio e da indústria pós 1849. Em determinada altura, chegava a afirmar que “uma nova revolução só é possível na sequência de uma nova crise. É, porém tão certa como esta” (Idem, *ibidem*, p. 183), o que poderia transparecer uma leitura determinista do autor, posto que associa de maneira imediata revolução e crise.

Ao longo da década de 1850, Marx repetiria essa avaliação em outros momentos. Em 1853, ao analisar, por exemplo, os impactos dos levantamentos sociais na China, relacionava-os com uma futura crise que poderiam ocasionar no comércio mundial, tendo, portanto, desdobramentos imediatos ao propiciar uma revolução na Inglaterra:

Desde principio del siglo XVIII no hubo en Europa una revolución seria que no fuese precedida por una crisis comercial y financiera. Y ello rige tanto para la revolución de 1789 como para la de 1848. Es verdad que no sólo contemplamos cada día síntomas más amenazadores de conflictos entre los poderes gobernantes y sus súbditos, entre el estado y la sociedad, entre las diferentes clases, sino que también el conflicto entre las potencias existente llega gradualmente al punto en que es preciso desenvainar las espadas y recurrir a la última rato de los príncipes (MARX, 1979, p.27).

Acontece que a crise aguardada por Marx eclodiu novamente em 1857, inclusive em proporções bem maiores do que a ocorrida anteriormente, mas isso não significou o estopim de nenhuma revolução,

o que levou o autor a mergulhar nos estudos sobre a economia política e reavaliar, em 1857, sua posição. Neste sentido, levaria em consideração não apenas o quadro estritamente europeu como fizera oito anos antes, considerando quase que exclusivamente o desenvolvimento das forças produtivas em Inglaterra e França, mas seria obrigado a avaliar tal desenvolvimento no contexto da recente conquista do mercado mundial, o que o levou a tecer considerações diferentes sobre a possibilidade de uma revolução próxima na Europa:

Não podemos negar que a sociedade burguesa experimentou pela segunda vez seu século XVI, um século décimo sexto que, assim espero, soará o toque dos defuntos da sociedade burguesa do mesmo modo que o primeiro dia a deu a luz. A missão particular da sociedade burguesa é o estabelecimento do mercado mundial, ao menos um esboço, e da produção baseada sobre o mercado mundial. Como o mundo é redondo, isso parece haver sido completado pela colonização da Califórnia e Austrália, assim como o descobrimento da China e do Japão. O difícil para nós é isso: no continente, a revolução é iminente e assumirá também de imediato um caráter socialista. Não estará destinada a ser esmagada nessa pequena parte, tendo em consideração que em um território muito maior o movimento da sociedade burguesa ainda está em ascenso? (MARX, 1947, p. 134-136).

Provavelmente, esses novos estudos de Marx, em relação à expansão do capitalismo com a incorporação de novas áreas ao mercado mundial, levá-lo-ia tanto a tratar essa relação entre crise econômica e revolução de maneira mais cautelosa, como realizou no Prefácio de sua *Contribuição à crítica da economia política*, do ano de 1859, quanto a redimensionar o papel das novas áreas incorporadas pelo desenvolvimento do capitalismo no processo de lutas em escala global, uma vez que nesses mesmos textos já se pode perceber outro aspecto interessante, que é o modo através do qual relacionava o comércio mundial e a importância dos países orientais nas lutas políticas europeias.

SOBRE A “VIRADA” DE MARX: ALGUMAS QUESTÕES DE MÉTODO

Ao se relacionar a produção teórica de Marx aos embates políticos por ele vivenciados, podem-se compreender as alterações em suas análises, o que em alguns momentos chega até mesmo a redimensionar aspectos fundamentais de seu pensamento. Contudo, convém destacar que alguns autores de prestígio, como Eric Hobsbawm, não avaliam dessa maneira. Para o historiador britânico, as análises políticas de Marx sobre o movimento revolucionário russo e sobre a possibilidade da comuna rural servir como elemento facilitador para a passagem ao socialismo não fluiriam naturalmente do acúmulo teórico que vinha desenvolvendo até então, sendo difícil achar uma relação entre esses dois elementos (HOBBSAWM, 1975).

Já se viu como essa relação se dá de maneira intrínseca, e, mais do que isso, como esses textos de Marx sobre a Rússia expressam justamente uma importante marca da contribuição teórica do autor. Ainda assim, nessa mesma obra, Hobsbawm traz alguns elementos interessantes. Nos escritos de Marx desenvolvidos antes da década de 1850, antes de começar seus estudos acerca das sociedades não ocidentais, provavelmente tanto ele quanto Engels tinham seus conhecimentos sobre os povos orientais filtrados pela obra de Hegel, fato esse que se pode ver no já citado artigo sobre a China, em que Marx iniciava suas considerações fazendo menção a um grande filósofo estudioso das questões orientais, que não seria outra pessoa senão Hegel, utilizando-se de sua teoria sobre o encontro dos extremos para abordar as relações entre Inglaterra e China. Neste sentido, caracterizaria a China, ou melhor, o Oriente, como a antítese da Inglaterra, ou melhor, do Ocidente. De um lado a civilização, do outro a barbárie.

Nessa mesma direção, Del Roio (2008) destaca o quanto era restrito o conhecimento ocidental sobre o Oriente, trazendo Marx uma grande continuidade com a tradição cultural do Ocidente. Segundo o autor, essa tendência manifestava-se em alguns pontos, como o uso da noção de despotismo oriental, indicando que a valorização do

Ocidente encontrava um complemento na perspectiva eurocêntrica, o que fazia do Oriente um espaço do barbarismo e do imobilismo.

Um dos primeiros autores que se propuseram a abordar esse tema foi José M. Aricó, que através de seu estudo sobre a relação entre o marxismo e a América Latina oferece elementos para a compreensão mais ampla do pensamento de Marx. Em sua obra-chave, Aricó vai demonstrando o que há de realidade e falácia no suposto eurocentrismo de Marx. Segundo ele, Marx tinha a total condição de ter acesso à realidade latino-americana, caso assim quisesse, uma vez que o *British Museum* e a Inglaterra eram os pontos mais favoráveis para a observação da sociedade burguesa que estava em período de expansão. De certo modo, afirma Aricó, os próprios artigos do *New York Daily Tribune*, como visto, demonstravam a preocupação de Marx e Engels com o desenvolvimento do capitalismo e a formação do mercado mundial.

A respeito das distintas análises apresentadas por Marx sobre fenômenos similares, Aricó caracteriza-os como uma “virada” no pensamento de Marx, na qual se abre uma nova perspectiva de análise no conflito das relações entre luta de classes e luta nacional (ARICÓ, 1985). Essa “virada”, defendida por Aricó, parece, por vezes, levar a argumentação ao outro extremo. Se até a década de 1860 Marx desdenhava dos problemas da periferia, a partir de então iria progressivamente deslocando o centro da revolução dos países da Europa ocidental para os países dependentes e coloniais, movimento esse que era motivado por interesses políticos. Esta tese de Aricó encontra sustentação em outros autores, ainda que possa aparecer de maneira mais mediatizada.

Naquela que, em nossa perspectiva, seja talvez uma das obras mais interessantes sobre a fortuna do pensamento de Marx na América Latina, Nestor Kohan (1998), analisando tais obras, chegou à conclusão da existência de uma virada no pensamento de Marx. Sobre os primeiros textos, agrupados pelo autor em torno daquilo que chamou de “paradigma do Manifesto”, Kohan justifica o tratamento dado por Marx às questões nacionais, assim como o caráter progressivo atribuído à expansão capitalista e o uso de

termos como civilização e barbárie, como uma aproximação de Marx à mesma filosofia universal por ele já criticada em *A Ideologia Alemã*. Filosoficamente, Kohan justifica esta questão como uma tensão interna do pensamento e no discurso teórico sobre a História de Marx, que ainda continha uma presença muito marcante da filosofia hegeliana, o que é confirmado, inclusive, com a ideia usada por Marx e, sobretudo por Engels, de “povos sem história”, o que seria uma clara influência de *Lições sobre a filosofia da História Universal*.

Seguindo essa argumentação, Kohan afirma que tal virada no pensamento de Marx deve ser apreendida como um conjunto de problemas, núcleos categoriais e focos de interesses que, em sua diversa e complexa articulação, provocam um duro impacto em todo o corpo teórico marxiano, modificando completamente determinados itens e aprofundando, em uma solução de continuidade, alguns outros. Essa virada alcançaria três níveis: filosófico, científico e político.

No primeiro nível, o autor inclui tanto os aspectos presentes no pensamento de Marx desde o início de sua produção teórica, quanto os que vão sendo incorporados ao longo de sua trajetória. A respeito dos primeiros, destaca seu método dialético, sua aspiração à totalidade e à ação, a crítica ao caráter especulativo da filosofia da História, assim como ao materialismo objetivista, e, por último, a conexão imanente da unidade entre sujeito e objeto. No campo científico, faz referência à modificação do esquema teórico de desenvolvimento e evolução da sociedade, a alteração da noção de ‘desenvolvimento histórico’, em suas grandes linhas diretivas, assim como a adoção do conceito de modo de produção asiático, para explicar as sociedades pré-capitalistas não modernas e não europeias, além do crescente interesse pela comuna rural. Por fim, no que diz respeito ao plano político, Kohan destaca processos contemporâneos e posteriores a essa virada como o descobrimento do impacto nacional e colonial, um novo estudo sobre o campesinato como virtual subjetividade revolucionária no mundo rural periférico, as potencialidades revolucionárias da Rússia e as eventuais transformações que as rebeliões coloniais poderiam provocar sobre a própria metrópole.

Percebe-se, portanto, que, para Kohan, no primeiro aspecto, no plano filosófico, estão sendo tratadas mais continuidades do que rupturas. Ainda que o autor fale de uma “virada”, que ganha, inclusive, contornos de uma mudança de paradigmas, ele não deixa de articular a unidade de pensamento de Marx. Na verdade, o que Kohan faz, e isso o próprio autor reconhece, é ir além do que havia sugerido Aricó. Este último, na obra já citada, afirmava que os textos de Marx sobre a Irlanda, por exemplo, marcavam uma virada no que diz respeito à sua teoria da revolução. Kohan eleva essa virada aos aspectos filosóficos e científicos.

Essa ideia de uma “virada” no pensamento de Marx encontra grande aceitação nos maiores investigadores que hoje se dedicam a estudar a relação entre o marxismo e a periferia o capitalismo. Michael Löwy, por exemplo, referindo-se aos textos sobre a Rússia, afirma estarmos diante de uma “verdadeira ‘virada’ metodológica, política e estratégica, que antecipa, de forma surpreendente, os movimentos revolucionários do século XX” (LÖWY, 2013).

Reconhecendo a importância de todos esses autores para os estudos do pensamento de Marx e da dívida que se tem para com eles, parece-se ir demasiado longe afirmar a existência de uma “mudança de paradigmas”, ou então de uma “virada metodológica”. Sem dúvida alguma, os autores são precisos ao chamarem a atenção para a evolução do pensamento de Marx, destacando seu amadurecimento ao correr dos anos e o relacionando à sua vida militante. Ainda assim, não seria exato dizer que esses elementos diferenciais que estariam no Marx da Rússia não estariam em outros de seus escritos anteriores, inclusive no Manifesto.

Não seria, por conseguinte, uma alteração do método de Marx que o permitiria chegar a conclusões diferentes, mas justamente a riqueza metodológica que permitiria a Marx captar as especificidades dessas diferentes realidades e articulá-las dentro de um sistema mais genérico. O método adotado por Marx para analisar a questão da comuna russa é o mesmo que já havia sido exposto em *A Ideologia Alemã* e *Miséria da Filosofia*, muitos anos antes.

CONCLUSÃO

Ao longo de uma extensa vida produtiva, não seria estranho encontrar análises diferentes sobre fenômenos similares em distintos momentos, fato que abriria possibilidade para interpretações distintas do pensamento marxiano. Uma leitura enviesada do pensamento de Marx combinada a fortes influências do positivismo levaria, desde o final do século XIX, à transformação do marxismo em uma filosofia universal da história, de cronologia unilinear e de viés eurocêntrico. A partir desta perspectiva, cristalizar-se-ia uma concepção de existência de modelos clássicos de desenvolvimentos sociais, em que países da periferia estariam destinados a percorrer rígidas etapas sequenciais em seu desenvolvimento, seguindo o modelo europeu de desenvolvimento histórico. Ainda que tal concepção seja estranha ao pensamento de Marx, não se deve negar que ao longo de sua obra foram apresentadas algumas margens que, embora o próprio autor tenha alertado para tal fato no fim da vida e feito questão de deixar clara a sua posição sobre a questão, serviriam de base para a sustentação teórica de tal leitura.

Nos correntes dias, além da existência da visão de um Marx eurocêntrico, inapto para tratar de temas relacionados aos demais continentes, grassa na academia uma caricatura do Marx homem branco, logo, repudiável em qualquer debate a respeito da opressão de gênero e racista. Assim, a questão reveste-se de maior vulto quando atinge a elaboração política e a prática militante de alguns movimentos sociais. Ao debate teórico, soma-se, portanto, a pertinência política.

Nesse sentido, ainda que se tenha evitado tomar como interlocutores as críticas sem maiores embasamentos, reconhece-se a relevância de uma questão profícua colocada no centro do debate: até que ponto as ideias desenvolvidas por Marx desde uma Europa em pleno desenvolvimento do capitalismo, entre meados e os últimos lustros do século XIX, são válidas para se analisar realidades diferentes.

Longe de tentar depurar Marx e Engels de seus supostos equívocos, a análise atenta da evolução de seu pensamento não somente

deixa de compactuar com tal visão determinista e eurocêntrica, como também fornece os elementos fundamentais para se construir uma pesquisa em que se estudem as realidades sociais distintas da de Marx, com base em suas peculiaridades, e as relacione dentro de um aparato metodológico mais amplo.

Dessa maneira, embora se reconheça que, com base nesse mesmo método, Marx tenha forjado algumas teses ou juízos que não tenham se confirmado com o tempo, foi justamente o referido método que lhe permitiu enxergar os fenômenos mais imediatos, os quais em um primeiro momento se apresentavam como fatos isolados, em sua totalidade concreta. Baseado nessa perspectiva, o autor conseguiu refinar, ao longo das décadas, a relação estabelecida entre revolução e crise, a possibilidade de distintas vias de desenvolvimento do capitalismo, o lugar da periferia no processo de revolução mundial, e ir além das análises disponíveis em seu tempo sobre todas essas questões. Para tanto, Marx submeteu tais elementos a um tratamento histórico-dialético, destacando os fenômenos de sua forma imediatamente dada, encontrando as mediações para que pudesse chegar à sua essência e com ela se relacionar.

Na leitura dos textos aqui expostos, pode-se afirmar que o modo utilizado por Marx para analisar tais problemas reflete aspectos mais amplos do pensamento do autor. A relação entre o geral e o particular, entre a teoria e a realidade, não é somente um dos aspectos fundantes do pensamento de Marx, mas também uma das características marcantes de todos aqueles que contribuíram para o alargamento do marxismo, utilizando-se deste método não somente como um instrumento de compreensão da realidade, mas, sobretudo, como ferramenta de transformação.

Dessa forma, remetendo novamente às questões levantadas no início do trabalho, nota-se que, ao contrário da professada morte, o pensamento de Marx, na ocasião de seu bicentenário, ainda vive ao oferecer a possibilidade de uma refinada leitura da realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARICÓ, José. Marx e América Latina. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- DEL ROIO, Marcos. Marx e a questão do Oriente. In: DEL ROIO, Marcos (org.). Marxismo e Oriente: quando as periferias tornam-se os centros. São Paulo: Ícone, 2008.
- ENGELS, Friedrich. La tutela de los Estados Unidos. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Materiales para la Historia de la América Latina. Cordoba: Pasado y Presente, 1977a.
- _____. La magnífica california. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Materiales para la Historia de la América Latina. Cordoba: Pasado y presente, 1977b.
- _____. Carta de Engels a Marx [23 de maio de 1856]. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Correspondencia. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1947.
- _____. Introdução. In: MARX, Karl. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. In: MARX, Karl. A revolução antes da revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. Literatura de refugiados V. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Lutas de classe na Rússia. São Paulo: Boitempo, 2013.
- FRANCO, Carlos. Presentación. In: ARICÓ, José. Marx y América Latina. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2010.
- HARUKI WADA. Marx y la Rusia revolucionaria. In: SHANIN, Teodor. El Marx tardío y la vía rusa: Marx y la periferia del capitalismo. Madrid. Editorial Revolución, 1990.
- HOBSBAWM, Eric. Introdução. In: Formações econômicas pré-capitalistas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- KOHAN, Nestor. Marx en su (tercer) mundo: hacia un socialismo no colonizado. Biblos: Buenos Aires, 1998.
- LÖWY, Michel. Dialética revolucionária contra a ideologia burguesa do progresso. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Lutas de classe na Rússia. São Paulo: Boitempo, 2013.

- MANDEL, Ernest. A formação econômica do pensamento de Marx. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.
- MARX, Karl. Carta de Marx a Engels [10 de dezembro de 1869]. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Correspondencia.. Buenos Aires: Editorial Problemas, 1947.
- _____. O domínio britânico na Índia. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos [Volume 3]. São Paulo: Edições Sociais, 1977a.
- _____. Os futuros resultados do domínio britânico na Índia. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos [Volume 3]. São Paulo: Edições Sociais, 1977b.
- _____. La revolución en China y en Europa. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Sobre el colonialismo. México: Pasado y presente, 1979.
- _____. O capital: crítica da economia política: livro 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1998.
- _____. As lutas de classes na França de 1848 a 1850. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- _____. Introdução à contribuição à crítica da economia política. In: MARX, Karl. Contribuição à Crítica da Economia Política. São Paulo: Expressão Popular, 2008b.
- _____. Karl Marx a Friedrich Engels [2 de novembro de 1867]. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Acerca del colonialismo. Buenos Aires: Terramar, 2009a.
- _____. Marx a Ludwig Kugelmann. [9 de abril de 1869]. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Acerca del colonialismo. Buenos Aires: Terramar, 2009b.
- _____. Carta de Marx a Sigfrid Meyer e August Vogt. [9 de abril de 1870] In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Acerca del colonialismo. Buenos Aires: Terramar, 2009c.
- _____. Carta à redação de Otechestvenye Zapiski. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Lutas de classe na Rússia. São Paulo: Boitempo, 2013.
- _____. Carta a Vera Zaslitch. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Lutas de classe na Rússia. São Paulo: Boitempo, 2013b.

- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. O Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2010.
- _____. Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Textos [volume III]. São Paulo: Alfa-Ômega, 1977.
- _____. A ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo, 2007.
- _____. Lutas de classe na Rússia. São Paulo: Boitempo, 2013.
- MICHAILOVSKI, Nicolai. Dilema do marxista russo. In: FERNANDES, Rubem César. Dilemas do Socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- RIAZANOV, David. El descubrimiento de los borradores. In: SHANIN, Teodor. El Marx tardío y la vía rusa: Marx y la periferia del capitalismo. Madrid. Editorial Revolución, 1990.
- SANDERS, Jonathan. La escena rusa. In: SHANIN, Teodor. El Marx tardío y la vía rusa: Marx y la periferia del capitalismo. Madrid. Editorial Revolución, 1990.
- SHANIN, Teodor. El último Marx: dioses y artesanos. In: SHANIN, Teodor. El Marx tardío y la vía rusa: Marx y la periferia del capitalismo. Madrid. Editorial Revolución, 1990.
- TKATCHOV, Peotr. Carta aberta ao Sr. F. Engels. In: FERNANDES, Rubem César. Dilemas do Socialismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- ZASULITCH, Vera. Carta a Karl Marx. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. Lutas de classe na Rússia. São Paulo: Boitempo, 2013.

Esta publicação foi impressa em 2018 pela gráfica Imos
em papel offset 75g/m², fonte ITC Franklin Gothic,
tiragem de 500 exemplares.